

Património cultural, identidade e deriva. O comércio tradicional e o espaço público do Bairro Alto: apropriação do espaço e reconstrução da memória colectiva

Introdução

A revitalização e a reconversão urbanística dos espaços públicos urbanos constitui um objectivo e, até, um imperativo do planeamento urbano e, em particular, da gestão dos espaços públicos urbanos. Na cidade de Lisboa a Baixa-Chiado e, em especial, o Bairro Alto, integrante das Freguesias de Encarnação e Santa Catarina, ou seja, uma zona de ruas estreitas contíguas ao Chiado e ao Carmo, com casas seculares e pequeno comércio tradicional constitui uma área de grande centralidade na cidade de Lisboa que, no entanto, foi perdendo a sua identidade e, conseqüentemente, a sua atractividade, processo esse que os agentes políticos e económicos e os actores sociais têm procurado inverter em benefício dos seus moradores, dos seus comerciantes e, tratando-se de uma zona de significativa importância turística, procurando criar e recrear as condições e os motivos para a visita turística, ou seja, para a satisfação dos turistas e visitantes. A desertificação da baixa da cidade de Lisboa tornou-se uma das características do espaço urbano. No entanto, o incremento de processos de revitalização de algumas zonas críticas que constituíram e constituem marcadores identitários da vida urbana, como são o caso das referidas zonas da Baixa Chiado e do Bairro Alto constitui uma das prioridades das intervenções no espaço urbano, sendo também de referir que importa encontrar novos modelos e estratégias de renovação de bairros históricos, procurando integrar no contexto da cidade de Lisboa, as boas práticas que, em ambientes idênticos, têm sido utilizados em diversas cidades históricas da Europa ocidental. Considera-se pertinente o recurso à arte pública que pode servir para novas leituras do espaço público e, até, constituir um factor de apropriação e de reapropriação por parte dos cidadãos do espaço público. Em suma, pode ser um factor de mediação entre o cidadão e os novos espaços e lugares que assumem cada vez mais um sentido multicultural. Acresce ainda entender-se que, a deriva situacionista, que hoje vem sendo recuperada e operacionalizada por diversos autores, tanto mais que os percursos pedonais constituem um elemento marcante da visita turística a cidades históricas como no caso de Lisboa e, em particular, da Baixa-Chiado e Bairro Alto, objectos da presente análise, pode servir para o enriquecimento da visita e conseqüente aumento do grau de satisfação por parte dos visitantes e turistas. O aqui exposto constitui um dos principais objectos de preocupação por parte de uma equipa multidisciplinar, onde se integra o signatário,

interessados no estudo e reflexão sobre os espaços públicos da cidade de Lisboa e pretexto para a apresentação da reflexão em análise. Na vertente turística analisar-se-á, exclusivamente, o turismo estrangeiro.

O uso e a animação do espaço público urbano

Na dinâmica das cidades como no caso daquelas que possuem grande significação histórica, como é o caso de Lisboa, considera-se que, parafraseando Gaspar Mairal (2001: p.12), “qualquer cidade, tal como qualquer outra realidade social e cultural, é histórica”. Algumas zonas que detêm, ainda hoje, grande centralidade, como sejam as chamadas zonas históricas da cidade como a Baixa-Chiado e, em particular, alguns bairros contíguos como sejam o caso de Alfama, Mouraria e Bairro Alto (entre outros), viram-se sujeitos a intensos processos de deterioração, com conseqüente diminuição da qualidade de vida dos seus moradores e redução da sua atractividade turística. Deste modo, constata-se que, nas políticas de reabilitação urbana, as zonas históricas, constituem, como salienta Mairal (2001: p. 11), um dos eixos fundamentais do urbanismo mais recente.

Como salienta ainda Mairal (2001: 12) “as cidades históricas não são simplesmente cidades com história”. Numa primeira aproximação ao conceito de cidade histórica, podemos dizer que estas apresentam uma grande profundidade histórica, ou seja, apresentam, sob o ponto de vista patrimonial, cultural e simbólico, referentes muito significativos que as caracterizam e cujos factores identitários têm sido respeitados e preservados. É claro que nestes elementos colocamos, por um lado, os factores materiais, como sejam o património urbanístico e arquitectónico, incluindo as habitações, igrejas, conventos, palacetes, entre outros. Por outro lado, as práticas quotidianas e as actividades sazonais que marcam a vida de uma cidade e de um bairro, enformadas, quantas vezes, por uma grande intensidade cultural e simbólica, de carácter profano e sagrado, como sejam as procissões, as festas populares, o convívio dos moradores, entre outros.

O carácter comunitário dos residentes nos bairros das cidades históricas, como no caso de Lisboa, constituía um importante elemento marcador da sociabilidade quotidiana, ou seja, identitário, que servia também, como salienta Pujadas (2001: p. 130) para “visibilizar [tornar visível] para o exterior a própria imagem colectiva, face a outras, (que) possuía um importante elemento aglutinador do sentimento comunitário”. Acrescenta ainda Pujadas que “a vida de muitos destes bairros foram, até há bem pouco

tempo, uma vida orientada para o seu interior, muito marcada por um controlo social estrito e por uma sociabilidade de *becos e caminhos*, que quase não distinguia os espaços públicos dos espaços privados. Na Madragoa, durante os anos 1989 e 1990, podíamos observar constantemente pequenos grupos de homens e mulheres, reunidos informalmente durante horas, falando de porta em porta a partir de suas casas, ou sentados na esquina de uma rua estreita, ou em algumas das ruas curtas sem saída (becos) que delimitam a entrada de várias moradias”. A referência feita À Mouraria adequa-se, pela proximidade física e características do bairro, ao caso do Bairro Alto.

Os processos de deterioração dos bairros das cidades históricas significaram, em muitos casos, um factor negativo para a qualidade de vida dos moradores, provocando, entre outros, uma aceleração do processo migratório das pessoas e a desertificação dessas zonas urbanas. Regista-se também o envelhecimento acentuado da população, a diminuição dos laços identitários dos moradores, originando não só uma maior heterogeneidade, como o declínio do espírito e das práticas manifestamente “comunitárias”. Neste processo observa-se a perda de influência dos chamados mediadores locais que, para Joan Pujadas (2001: p. 130), facilitam “a ligação entre o mundo da cidade e o mundo interior, comunitário”. Um conjunto de outros efeitos negativos podem ser referidos, como o aumento da criminalidade e a redução da auto-estima das pessoas, acentuando a degradação do meio ambiente com reflexos na imagem dos bairros.

O comércio tradicional do Bairros Alto

Referem alguns autores, com justeza, que a modernização e os processos de crescimento e de transformação das cidades ocasionou, em muitos casos, uma ruptura entre três elementos básicos caracterizadores do espaço público como sejam o tráfego, o comércio e o diálogo, ou seja, registou-se uma fragmentação espacial. Nesse quadro surgiu, na sociedade contemporânea, a ideia dos não-lugares, conceito explorado por Marc Augé (1994), em contraposição ao lugares, associados à manutenção dos factores espaciais identitários, relacionais e históricos.

Face ao processo de declínio e desertificação da Baixa-Chiado, manifestado, entre outros, em termos residenciais, processo esse observado, também, no Bairro Alto, o poder local e a sociedade civil, incluindo os comerciantes e a população do bairro, têm-se mobilizado para fazer face a este problema, sendo certo que, o Bairro Alto, apesar de todas as vicissitudes, pelas suas características singulares, continua a ser um dos

espaços da cidade de Lisboa e, da baixa da cidade, com maior incidência de visitas turísticas.

A Câmara Municipal de Lisboa tem considerado o Bairro Alto como uma das áreas estratégicas de intervenção urbana. A Associação de Comerciantes (do Bairro Alto) tem procurado promover o Bairro Alto como zona de diversão, lazer e comércio, tendo apresentado, recentemente, um projecto para a criação de uma marca própria tal como um logótipo, elementos esses identificadores de uma nova imagem da zona.

Entre os objectivos previstos pela autarquia encontra-se o rejuvenescimento do comércio da Baixa da cidade o que passa, entre outros, pelo crescimento do número de pessoas a viver e a trabalhar na Baixa, pela a valorização do comércio tradicional, pela a melhoria dos espaços públicos, com destaque para o alargamento dos passeios e melhoria do conforto e segurança dos peões. Outra medida que está a ser incrementada na Baixa-Chiado e, no Bairro Alto, prende-se com o aumento da capacidade hoteleira pela construção de novos hotéis.

A Associação de Comerciantes apresentou um projecto para o Bairro Alto, com base numa proposta numa empresa especializada na criação, gestão e produção de experiências de entretenimento, a “Wanted Brand”. Face aos problemas identificados foram propostas algumas medidas que visam, entre outros, melhorar a imagem do bairro, sua limpeza e segurança, e incrementar a sua frequência e dinâmica. Pretende-se ainda melhorar a relação com a comunidade.

A visita turística

A frequência do Bairro Alto passa, como foi referido, pela visita turística, a qual constitui um factor muito importante para a dinâmica e revitalização da referida zona. No caso, o “Observatório Turismo de Lisboa” tem realizado, regularmente, inquéritos, dos quais destacamos o “Inquérito ao Grau da Satisfação” (região e cidade de Lisboa). O inquérito realizado em 2008 apresenta alguns indicadores importantes quanto aos turistas estrangeiros que visitaram Lisboa. No que respeita à estadia média registada em Lisboa constata-se que foi de 5,6 noites, enquanto em Portugal se cifrou em 7,5 dias.

No que respeita aos motivos e práticas da visita verificou-se que os passeios a pé e a visita a monumentos, atracções e museus recolheram mais adeptos, seguidos de perto pelas saídas para jantar e pelas compras.

No que respeita aos processos de locomoção na cidade constata-se que andar a pé foi a forma de deslocação em Lisboa utilizada por mais pessoas, sendo de notar que o autocarro público e o autocarro turístico constituíram também meios de transporte muito utilizados. O castelo de S. Jorge, a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos foram os principais monumentos referidos pelos inquiridos.

No que respeita aos turistas (casais) constatou-se que a visita superou as expectativas para mais de metade (52,7 %), indicador que não foi tão significativo quanto aos solteiros (22,2 %). É de registar também que um número significativo de turistas casados passeou a pé (52,7 %). No caso dos turistas (em geral) que escolheram Lisboa como destino único, ou seja, um total de 69,6 % quanto a Lisboa cidade e de 64,4 % (quanto a Lisboa região, constatou-se que 64,7 % desses turistas privilegiou o passeio a pé. No entanto, tratando-se daqueles que “repetiram” a visita à cidade de Lisboa, a visita a pé constitui um recurso utilizado com maior frequência (65,4 %).

No caso dos “repetentes”, a visita anterior constituiu um dos factores determinantes da repetição da visita a Lisboa (19,7 % Lisboa cidade e 18,3 % Lisboa região).

Como pode ser observado pelo quadro 1, algumas actividades praticadas pelos visitantes (turistas) estiveram em destaque : passear a pé foi a mais destacada (por 79,6 e 77,6 % quanto a Lisboa cidade e ao total, respectivamente); a visita a monumentos/atracções/museus (por 75,9 e 75,7 % quanto a Lisboa cidade e ao total, respectivamente) ; sair para jantar (por 70,5 e 65,5 % quanto a Lisboa cidade e ao total, respectivamente); compras (por 62,2 e 61,4 % quanto a Lisboa cidade e ao total, respectivamente).

No caso do Bairro Alto, constata-se que o comércio tradicional quando caído em desuso tem vindo a dar lugar a um comércio alternativo que tem procurado preservar as características dos edifícios onde se tem instalado. No entanto, este processo é bem mais complexo, veja-se o caso de uma livraria instalada recentemente no Bairro Alto numa antiga padaria e fábrica de pão, sendo a ocupação do espaço sido feita com a salvaguarda de alguns dos principais elementos marcadores da actividade inicial.

Actividades mais praticadas

	Lisboa cidade (%)	Total (%)
Passear a pé	79,6	77,6
Visita a monumentos/atracções/museus	75,9	75,7
Sair para jantar	70,5	65,5
Compras	62,2	61,4
Gastronomia e vinhos	33,9	31,7
Praias	33,9	33,5
Visita organizada	31,3	33,4
Vida Nocturna	29,9	25,2
Excursão fora de Lisboa	26,8	29,5
Percursos na Natureza	17,6	18,6
Exposições	15,3	14,1
Espectáculos	9,8	9,8
Assistir a eventos desportivos	2,7	2,7
Termas/SPA	2,2	2,4
Nenhuma das anteriores	2,1	2,0

Fonte: Inquérito Grau de Satisfação 2008 (relatório do acumulado anual)

Pode dizer-se que, por um lado, os passeios a pé constituem, como resulta dos inquéritos realizados, um dos processos mais identificadores, mesmo paradigmático, da visita turística à cidade de Lisboa, associada, com frequência, à visita aos monumentos, museus e outros atractivos.

No que respeita aos locais de interesse mais visitados em Lisboa e sua região encontra-se o Bairro Alto (64,5 % em Lisboa cidade) como pode ser observado através do quadro

2. É curioso notar que a Baixa-Chiado ocupa uma posição menos evidente em comparação com Belém, Alfama e Bairro Alto.

QUADRO 2

Lisboa: Locais de interesse mais visitados

	Lisboa cidade (%)	Total (%)
Belém	70,6	64,8
Alfama	68,9	62,0
Bairro Alto	64,5	57,9
Baixa	60,9	55,3
Chiado	58,3	52,0
Avenida Liberdade	57,2	51,6
Parque das Nações	53,8	48,7
Sintra	47,9	49,0
Cascais	38,5	43,0
Estoril	34,7	40,1

Fonte: Inquérito Grau de Satisfação 2007(resultados acumulados)

Tendo em conta a tipologia dos turistas estrangeiros que visitam Lisboa, importa reforçar os meios de acolhimento privilegiados. A maioria significativa dos turistas utilizou o hotel ou similar como meio de alojamento (87,4 % - Lisboa cidade e - 85,8 % Lisboa região). No caso, tem-se vindo a observar não só o reforço do parque hoteleiro da Baixa-Chiado e Bairro Alto como a sua modernização, o que poderá constituir um facto significativo para o aumento da atractividade e o reforço do número de visitantes.

A deriva e sua aplicação nas zonas históricas urbanas

Os inquéritos realizados às actividades turísticas em Lisboa mostram, como foi referido, que o Bairro Alto constitui um dos principais motivos da visita turística. A maioria dos turistas e visitantes procuram passear e caminhar pela cidade, situação essa que coloca a questão da necessidade de serem incrementados “corredores” que facilitem a circulação dos turistas e visitantes, assim como dar continuidade às acções já incrementadas que visam criar espaços exclusivamente reservados aos peões. No caso de Lisboa, o turismo encontra formas multifacetadas de se relacionar com a cultura, seja através do turismo de arte (museus, galerias de arte, música, teatro...), do turismo patrimonial (património histórico construído, vestígios arqueológicos, casas típicas...) e através da relação do turismo com um lugar (manifestações culturais). Pela observação participante temos constatado que os turistas que circulam pela baixa da cidade procuram, em muitos casos, observar não só o património construído, como também, os costumes e modos de vida da população. A visita turística processa-se em muitos casos de uma forma padronizada seja pelo recurso a guias turísticos ou outros suportes informativos, seja pela procura dos lugares e espaços que figuram nos “roteiros” turístico. A utilização da deriva (situacionista) poderá permitir que os turistas e visitantes possam não só visitar mas também descobrir e, para isso, importa determinar pontos de referência, não aleatórios, na deriva, que permitam aos mesmos partir para a descoberta, sem perder de vista, os marcadores de referência dos locais de visita. Um processo importa realizar, a “montante” que é o da observação psicogeográfica, processo esse que permitirá como circulam os utilizadores do espaço de referência.

Conclusões

As cidades históricas possuem características marcantes que as distinguem das outras, sendo em regra, o seu principal elemento identitário o património cultural existente. Os principais factores de atracção traduzem-se em museus, monumentos, casas, construções históricas, teatros, fábricas, parques, mercados, entre outros. Para além disso tudo aquilo que expressa a memória colectiva e que passa de geração em geração. Os turistas são cada vez mais exigentes e isso significa que procuram, mesmo nas cidades históricas elementos distintivos, sejam aspectos ligados à tradição, à estética, à

arte, ao ambiente. O turismo cultural expressa, cada vez mais, uma ideia ampla de cultura pelo que cidades como Lisboa e, zonas como o Bairro Alto, devam procurar associar a tradição à modernidade, ou seja, inovarem sem perderem os seus elementos identitários. Como foi referido a arte pública e a deriva situacionista podem contribuir para uma nova imagem do espaço público e para uma apreensão mais intensa e diversificada do espaço público, semi-público, e semi-privado urbano.

BIBLIOGRAFIA

Castro, Constancio, *La geografía en la vida cotidiana. De los mapas cognitivos al prejuicio regional*, Ediciones del Serbal, Barcelona, 1997

Cordeiro, Graça Índias e Vidal, Frédéric, *A rua. Espaço, tempo, sociabilidade*, Livros Horizonte, Lisboa, 2008

Innerarity, Daniel, *El Nuevo Espacio Público*, Espasa, Madrid, 2006

Mairal, Gaspar, “Antropología de las ciudades históricas”, *Revista de Antropología Social*, 10: 9-15, Madrid, 2001

Moser, Gabriel e Weiss, Karine, *Espaces de vie. Aspects de la relation homme-environment*, Armand Colin, Paris, 2003

Paquot, Thierry e Younès, Chris, *Le territoire des philosophes. Lieu et espace dans la pensée au XXe siècle*, La Découverte, Paris, 2009

Pujadas, Joan J., “A propósito de Lisboa: espacios urbanos historia y memoria”, *Revista de Antropología Social*, 10: 123-149, Madrid, 2001

Rémy, Jean e Voyé, Liliane, *A cidade: rumo a uma nova definição ?*, Edições Afrontamento, Porto, 2004

Rykwert, Joseph, *A Sedução do Lugar. A História e o Futuro das Cidades*, Martins Fontes, São Paulo, 2004

Wark, McKenzie, *50 Year of recuperation of the Situationist International*, A Forum Project Publication, NY, 2008

Westphal, Bertrand, *La Géocritique. Réel, Fiction, Espace*, Les Éditions Minuit, Paris, 2007